

# Arco da Memória

---

Carla Sofia Cabral Pereira Vidal

*«Enigmático monumento, mensagem de outros homens e de outros tempos, com um significado que ainda foge, mas cujo sinal de mensagem é interrogante, como esfinge»<sup>1</sup>.*

## I. Introdução

O recente Concelho de Odivelas, nos arredores de Lisboa, oferece-nos um vasto leque de testemunhos históricos, muitos deles abandonados. Fixamo-nos na História Local que em muitos casos nos tem levado a compreender a História Geral.

É na freguesia do mesmo nome que se levanta o designado Arco da Memória.

## II. Características Gerais da Freguesia de Odivelas

Podemos caracterizá-lo geograficamente como um território hinterlândico, situado a norte de Lisboa e na margem direita do rio Tejo, fazendo raia com Amadora, Sintra, Lisboa e Loures<sup>2</sup>. O perfil orográfico de colinas e vales, actualmente povoados de “esfarrapados” pinhais e hortas, esboça-se ao redor de uma gigantesca massa de betão.

---

<sup>1</sup> GOMES, J. Pinharanda – *Povo e Religião no Termo de Loures*, Loures, 1982.

<sup>2</sup> *Boletim Informativo da Comissão Instaladora do Município de Odivelas*, 2000.

Como a sua história administrativa se liga à do termo de Lisboa, pertenceu ao 4º Bairro de Lisboa<sup>3</sup>, sendo depois transferida para o Concelho de Belém<sup>4</sup>, em 1852; existe desse tempo uma lápide numa ponte que marca o termo dessa jurisdição. Passou em 1885 para o Município dos Olivais<sup>5</sup>, mas com a criação do Município de Loures<sup>6</sup> no ano seguinte, foi transferida para esta jurisdição. Permaneceu sob a tutela desta até ser elevada à categoria de Vila, a 3 de Abril de 1964 e, a 10 de Agosto de 1990, ascendeu a cidade.

A 19 de Novembro de 1998, Odivelas passou a ser independente de Loures, tornando-se Município. Na sua jurisdição cabem as freguesias da Póvoa de Santo Adrião, Olival Basto, Pontinha, Ramada, Famões e Caneças.

Historicamente, ignora-se a data da fundação da paróquia de Odivelas. Sugere-se, no entanto, que seja muito antiga<sup>7</sup>. Todavia, a sua história ficou um pouco mais límpida quando se descobriu uma inscrição românica na Igreja do Mosteiro de Odivelas<sup>8</sup>, e a partir do momento em que passaram a ter lugar investigações arqueológicas cientificamente conduzidas. Foram pondo a descoberto materiais de várias épocas ascendendo ao Paleolítico Superior.

Mas Odivelas confunde-se com a fundação do seu Mosteiro pelo rei poeta – D. Dinis. A fundação deste insere-se numa lenda<sup>9</sup> que ainda hoje é recordada:

---

<sup>3</sup> MADEIRA, Silva – *Elementos Subsidiários para a História do Concelho de Loures*, Loures, Edição do Autor, 1974; *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*, Edições Minhaterra, 1997.

<sup>4</sup> MARQUES, José – *Dicionário Geográfico abreviado das freguesias do reino de Portugal*, Porto, 1853; CAMARA, Paulo Perestrelo da – *Dicionário Geográfico Histórico e Político de Portugal e seus Domínios*, Lisboa, 1850; LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI, Lisboa, 1875, pp. 205-212; MADEIRA, Silva – *Elementos Subsidiários...*, cit. (v. *supra*, n. <sup>3</sup>).

<sup>5</sup> *Boletim Informativo...*, cit. (v. *supra*, n. <sup>2</sup>); *Guia Turístico do Concelho de Odivelas*, Comissão Instaladora do Município de Odivelas, s.d.; MADEIRA, Silva – *Elementos Subsidiários...*, cit. (v. *supra*, n. <sup>3</sup>).

<sup>6</sup> PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Dicionário Histórico Chorographico Heráldico Biográfico Bibliográfico Numismático e Artístico*, Lisboa, Edições João Romano Torres, 1906.

<sup>7</sup> VAZ, Máxima – *Loures. Mudança e Tradição. I Centenário da Formação do Concelho-1886-1986*, Loures, Câmara Municipal, 1989; PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Dicionário Histórico Chorographico...*, cit. (v. *supra*, n. <sup>6</sup>); LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*, cit. (v. *supra*, n. <sup>4</sup>), loc. cit.; BAPTISTA, João Maria – *Portugal*, Lisboa, 1876; MADEIRA, Silva – *Elementos Subsidiários...*, cit. (v. *supra*, n. <sup>3</sup>); COSTA, António Carvalho da – *Dicionário Corografico de Portugal Continental e Insular*, Braga, 1869; *RoteiLoures 1990/1991*; e as duas primeiras publicações cit. *supra*, n. <sup>5</sup>.

<sup>8</sup> MARQUES, Gustavo – *Inscrição Românica de Odivelas*, Odivelas, Junta de Freguesia, 1986.

<sup>9</sup> A lenda terá sempre um fundo de verdade; mas a mesma lenda é repetida em Leiria, mais concretamente em Porto de Urso, nas imediações de Monte Real. Andando D. Dinis à caça, encontrou um urso e o matou. O facto deu o nome ao lugar (cf. ALBERTO, P.º Isidro Piedade – *Monte Real. Terra Histórica Ontem e Hoje*, Leiria, Região de Turismo de Leiria/Rota do Sol, 1991).

«Estava o rei D. Diniz, na cidade de Beja, e sahindo um dia á caça, encontrou-se com um urso monstruoso, que era o terror de todo aquella território. Perseguiu-o o rei por algum tempo; porém a fera, investindo com o cavallo, lançou por terra o cavalleiro, que, vendo-se sob as garras de tão feroz e terrível animal, invocou a S. Luiz, bispo de Tolosa, com o qual tinha particular devoção. Apareceu-lhe o santo, e o animou a desembainhar a sua faca de matto, e a crava-la no urso, o que o rei logo fez, matando-o instantaneamente. Salvo o rei, por este modo milagroso, resolveu logo edificar um mosteiro, em signal de reconhecimento para com o Céu»<sup>10</sup>. Através do voto se cumpriu a vontade do monarca, e para aqui se deslocaram artifices, homens de cultura, etc. Foi a partir deste momento que teve início a expansão da povoação. Mas a lenda separa-se dos acontecimentos quando, na leitura do documento/monumento, obtemos informações mais rigorosas. É o caso das amplas doações<sup>11</sup> feitas pelo monarca ao mosteiro, que pertencia à Ordem de Cister.

Talvez para ganhar mais prestígio, outra lenda nasceu<sup>12</sup>; porém, esta é explicativa do topónimo Odivelas. Conta-se que D. Dinis tinha por costume dirigir-se a Odivelas, para visitar “moças” do seu agrado. Sua esposa, a Rainha Santa Isabel, conhecendo esta faceta pueril do rei, fez-se acompanhar de criadagem com archotes, dirigindo-se ao actual Lumiar<sup>13</sup> (Calçada de Carriche) que por esses tempos era um local de penumbra e desabitado. A Santa senhora vinha “iluminar” o caminho a seu Infiel esposo. Quando D. Dinis, com o seu séquito, se apercebeu da presença da rainha, inquiriu-a sobre o que ali fazia, ao

---

<sup>10</sup> BRANDÃO, Frei Francisco – *Monarchia Lusitana*, Quinta parte, 2.ª ed., Lisboa, IN/CM, 1974.

<sup>11</sup> A 7 de Fevereiro de 1295, constam do 2º Livro dos Dourados do Cartório d'Alcobaça; *Cartas Pastorais e Provisões de Frei Manuel Mendonça, Abade do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, aos religiosos da Ordem de Cister sobre varias reformas da ordem e seus conventos* (F.1,48,57,60), 1783, Biblioteca Nacional de Lisboa; FIGUEIREDO, Frei Manoel – *Dissertação Histórica e crítica para apurar o catalogo dos cronistas Mores do Reino e Ultramar*, Lisboa, Biblioteca Nacional, s.d.; SILVA, Cesaltina do Nascimento – *Instituto de Odivelas: septuagésimo nono aniversário da sua fundação*, Odivelas, Instituto de Odivelas, 1981; OLIVEIRA, Frei – *Livro das Grandezas de Lisboa*, Lisboa, 1620.

<sup>12</sup> No livro do Padre Isidro Piedade Alberto, sobre Monte Real, lê-se uma lenda semelhante. Quem passa nas povoações de Amor e Segodim, qualquer pessoa narrará a lenda que deu origem ao topónimo “Segodim” e “Amor”. Segundo a lenda, a Rainha Santa veio iluminar o caminho a seu esposo que vinha de Amor; ao vê-la, D. Dinis inquiriu-a sobre o que ali fazia, ao que ela retorquiu: - Vim iluminar o vosso caminho, pois cego vindes de amor... Segodim fica a caminho da freguesia de Amor, porém tanto um lugar como outro são mais antigos que o reinado de D. Dinis. A lenda prevalece.

<sup>13</sup> O topónimo Lumiar derivaria de iluminar o caminho (cf. LEAL, Pinho – *Op. cit. supra*, n. 7).

que ela retorquiu: – Ide vê-las Senhor... Foi a expressão «Ide Vê-las» que, no crer de muitos, teria evoluído para o topónimo Odivelas<sup>14</sup>. Os filólogos<sup>15</sup> expõem outro parecer. Odivelas é nome composto de dois elementos «Odi», palavra de origem árabe que significa «curso de água» (de facto ainda existe este rio) e «Velas», termo latino com o significado de velas de moinhos (como se sabe, as encostas de Odivelas encontram-se anexadas ruínas desses complexos molinológicos).

Nesta região do termo de Lisboa existiam inúmeras quintas, algumas das quais ainda hoje persistem. O próprio rei D. Dinis aqui tinha a sua, designada por “Quinta das Flores”. Exageradamente, Tirso Molina<sup>16</sup> refere-se à região situada entre a cidade e Odivelas, do seguinte modo:

“Tienne desde alli a Lisboa  
en distancia muy pequeña  
mil y ciento y treinta quintas  
.....  
y todas  
con su hortas y alamedas”<sup>17</sup>

De certa forma, aqui habitavam em tempo de lazer nobres, clérigos e burgueses, mas também daqui saía toda a qualidade de géneros alimentícios do reino, exportados para toda a parte.<sup>18</sup> A verdade porém, é que Odivelas passou a ser conhecida pelos amores das freiras do Convento com nobres e monarcas, sendo mais marcante a história dos amores de D. João V, a quem apelidaram de freirático, com a Madre Paula. Muito se escreveu sobre esses amores desventurados, incluindo Camilo Castelo Branco.

---

<sup>14</sup> VAZ, Máxima – *Op. cit. supra*, n. 7; PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Op. cit. supra*, n. 6; LEAL, Pinho – *Op. e loc. cit. supra*, n. 4; BAPTISTA, João Maria – *Op. cit. supra*, n. 7; MADEIRA, Silva – *Op. cit. supra*, n. 2.

<sup>15</sup> Cf. os estudos cits. na n. anterior.

<sup>16</sup> CASTELO-BRANCO, Fernando – *Lisboa Seiscentista*, Lisboa, 1956, pp. 105-119.

<sup>17</sup> *El Burlador de Sevilla*, 10.

<sup>18</sup> COSTA, António Carvalho da – *Op. cit. supra*, n. 7.

Mas não é só do Convento que Odivelas se orgulha. Há o Memorial<sup>19</sup>, cujo mistério ainda prevalece; a Igreja Matriz<sup>20</sup>, que sofreu sucessivos restauros, numa miscelânea de épocas. Conte-se que um dia, houve um roubo na igreja, e no local onde o biltre escondera os tesouros, foi erguido um monumento: o Senhor Roubado.<sup>21</sup> Todos os dias milhares de pessoas passam junto do monumento e só raros conhecem a sua história.

### III. O Arco da Memória

Nas proximidades do Mosteiro de Odivelas, numa pequena elevação, ergue-se um padrão, cuja história tem sido alvo de várias leituras. Geralmente conhecido por Memória, também designado por Monumento de D. Dinis, Castilho definia-o como “*O enigmático monumentozinho de Odivelas (...)*”.

Talhado em fina pedra lioz, provavelmente adquirida na região, na zona de Trigache no sítio de Pedrenais, de onde tinha também sido extraída a pedra para a construção do mosteiro.

Na suas linhas arquitectónicas, possui uma base rectangular maciça em alvenaria, ladeada por marcos ou «frades» líticos, onde assenta toda a arcaria, porém mais estreita e de dois níveis. O primeiro patamar é composto por pequenos arcos trilobados, assentes em 8 colunas. No estilóbato assentam os colunelos circulares, dois a dois, de modo que os ábacos se interligam. As colunas de fuste liso possuem capitel com motivos vegetalistas. Do lado exterior, evidenciam-se colunas com idêntico motivo vegetal. Sobreposto a este conjunto, abre-se um arco ogival de grandes proporções, desprovido de ornatos e apresentando aduelas regulares e simétricas. Acantonados do lado exterior, mas com metade da altura, uma outra série de colunas.

O topo do monumento apresenta-se como se fosse um telhado de duas águas, com uma inclinação de 90º; na face voltada para o convento descreve-se o escudo de Portugal; no vértice, e sobre um pé, coroa uma cruz floreada. Sob

---

<sup>19</sup> Cf. *Op. cit. supra*, n. 1.

<sup>20</sup> *Guia do Concelho de Odivelas*, Odivelas, Comissão Instaladora do Município, 2000.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

as extremidades da empena, junto à cimalha, destacam-se 3 pequenos cachorros de cada lado.

Em traços amplos, (fig.39) é esta a forma característica do monumento. Todavia, o enigma deste emblemático memorial é o da sua fundação. Atribuído em vários momentos a D. Dinis (1279-1355) e, em outros, a D. João 79-1355) e, em outros, a D. João rapõem-se. Afirma-se, também, que poderia ser um cruzeiro jurídico para delimitar o couto do convento. A única inscrição encontra-se na face virada a Lisboa, é tão enigmática como o monumento: 1721- R.T.F.

A primeira alusão a este monumento é-nos fornecida, pelo cronista Frei Francisco Brandão<sup>22</sup>, que narrando o funeral de D. Dinis dá a conhecer o seguinte: *“Antes de entrar em Odivellas o Bispo D. Gonçalo tinha mandado ordem ao Cabido de Lisboa se achasse presente com o Clero, & Ordens, & a Câmara da Cidade com a Nobreza, & pouo della, fizerão o mais aparatoso concurso que se podia desejar. Todos esperauão fora do Convento, & alguns querem dizer que aonde agora está um arco de pedraria, parou a liteira, e se fizerão as costumadas cerimônias; mas aquelle arco, que responde a outro, que está á saída de Lisboa para aquella parte, no campo da forca, se puseram por descançar naquelles logares o féretro de D. João I, quando de Lisboa veio tresladado ao seu jazigo do real Convento da Batalha (...) Composto naquelle logar o acompanhamento com hi concurso de gente innumeravel, & grandes prantos de todos, entrarão na Igreja adornada de luto; & a Abbadessa daquelle Convento Dona Orraca Paes com oitenta Religiosas de veo negro, que já então tinha, antes de todos cantarão o primeiro Responso enuolto em saudosas lagrimas devidas a memória do seu fundador, & benfeitor.”* Outro autor, Raphael Bluteau<sup>23</sup>, apresenta a seguinte opinião: *“Arco, columna, ou outro monumento erigido em memória de algum successo. Alguns dizem, que o arco de pedraria, a que hoje chamão A Memória, antes de entrar no pateo do Convento de Odivellas, foi levantado em memória de ~q quando o Bisppo D. Gonçalo, com o Cabido de Lisboa, Clero, Ordens, Câmara da Cidade, & Nobreza do Reyno, esperavão fora do Convento, parou nelle a liteira, que levava à sepultura o corpo delRey D. Diniz. Responde o dito arco a outro, que está á sahida de Lisboa no campo da forca, em que se poz para descançar o féretro, ou ataúde*

---

<sup>22</sup> BRANDÃO, Fr. Francisco – *Op. e loc. citis. supra*, n. 10.

<sup>23</sup> BLUTEAU, Raphael – *Diccionario da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

delRey D. João I, quando de Lisboa foy trasladado ao seu Real jazigo da Batalha: *esta segunda memória foi chamada, Arco do Pouso. A outros ouvi dizer, que a memória, ou arco de Odivellas fora levantado em lembrança de que as Religiosas sahirão do Convento, & chegarão até aquelle lugar a receber o corpo delRey D. Diniz.*”

Estes dois textos um pouco similares, e dados à estampa com diferença de pouco mais de quatro séculos, e possivelmente bebendo nas mesmas fontes fizeram instaurar a confusão devido à presença da cruz floreada, tão típica da ordem de Avis. Assim, segundo Brandão só poderia ter sido erguido em «memória» de D. João I.



Cruz na empena do Memorial

Na passagem dos tempos, a descrição continua a apontar as duas das ideias, consoante o autor. Assim, Pinheiro Chagas<sup>24</sup> refere: “*A este monumento de arquitectura gótica, a que o vulgo dá o nome de Memória, andam ligadas várias tradições, mas nenhuma delas nos fornece a data da sua fundação nem a indicação de qual o seu verdadeiro fim. No entanto a mais razoável dessas tradições é a de que nos dá conta Fr. Francisco Brandão, dizendo que aquele arco correspondia a outro que existia à saída de Lisboa, e que se fizeram para neles descansarem o féretro de D. João I quando trasladado de Lisboa para a Batalha. O que é certo é que a cruz floreada que coroa a cúpula desse arco era distinto da ordem de Avis, de que D. João I era Mestre.*” Raúl Proença<sup>25</sup>, na sua obra, acrescenta: “*(...) erigido, segundo uns, para nele descansar o féretro*

---

<sup>24</sup> CHAGAS, Pinheiro – *História de Portugal*, Volume I, Lisboa, 1899, p. 208.

<sup>25</sup> PROENÇA, Raúl – *Guia de Portugal*, Lisboa, 1929, p. 453.

*de D. Dinis, segundo outros, o de D. João I, por ocasião de ser trasladado para a Batalha.”*

Nas sucessivas descrições produzidas, os autores, segundo critérios pessoais, avançavam datas situadas entre os séculos XIV a XV. Contudo, Mário Guedes Real<sup>26</sup> apontou uma nova hipótese com recurso a elementos explicativos da arquitectura, contrapondo a teoria avançada pelo arqueólogo Pedro Vitorino<sup>27</sup>, que sustenta a edificação ao tempo de D. João I. Segundo Guedes Real, os aspectos arquitectónicos do «memorial», são todos elementos de épocas anteriores ao rei de Boa Memória. Vejamos, o escudo é de tipo português antigo, porque ao tempo de D. Fernando utilizou-se o escudo francês e a omissão de besantes nas quinas; segundo o mesmo autor, é uma característica comum na primeira dinastia, apontando o caso existente no Castelo de São Jorge. As armas reais eram ao tempo dionisino gravadas sem coroa. Em conclusão, Guedes Real sugere o seguinte: *“O arco, em forma de asa de cesto, que se vê sobre o escudo do monumento de Odivelas, é por assim dizer o rudimento das coroas e coronéis que dentro em pouco surgiriam, insipiente manifestação artística a anunciar uma nova criação Heráldica»*. Seria o prenúncio das futuras representações heráldicas. Quanto à cruz cimeira, assemelha-se mais a uma cruz florida do que à cruz da ordem de Aviz, refere o mencionado autor. Em nada se assemelha às pontas da cruz que se visualizam no convento do Carmo (embora essas sejam muito estilizadas). No que concerne à inscrição, apontou para um eventual restauro, definindo as capitais por: R (estaurado) e T e F provavelmente as iniciais do canteiro. A sua nova perspectiva era: *“Para lá daquele padrão, seriam os domínios das freiras, e ele delimitaria, do lado de Lisboa, os terrenos coutados do convento, área de amplos privilégios medievais, com direito de administração de administração de justiças e discricionárias prerrogativas jurídicas, como facultavam as correntes usanças da época. Monumento com significado idêntico é o que se ergue em frente do Convento de Nuestra Señora de la Peña de Francia, de Salamanca»*<sup>28</sup>.

---

<sup>26</sup> REAL, Mário Guedes – «Memória (A) em Odivelas: padrões da Estremadura», *Boletim da Junta Distrital de Lisboa*, série n.º 2, n.ºs 61-62 (1964).

<sup>27</sup> VITORINO, Pedro, «Marmorais (Os)», *Boletim da Comissão Provincial de Etnografia e História*, n.º 5 (1942).

<sup>28</sup> REAL, Mário Guedes – *Op. cit supra*, n.º 26, p. 329.

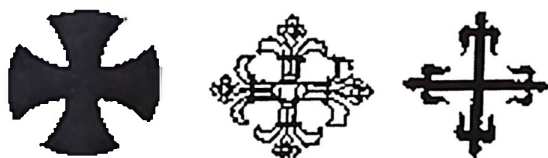


## IV. Conclusão

O que poderia ter sucedido, e assim admitimos, o facto deste «cruzeiro» ter substituído um outro mais pequeno e, ao longo dos tempos, ter sofrido sucessivos acrescentos, sem nunca descorar a traça primitiva, que aliás estava bem patente no Convento ali tão próximo. Interrogamo-nos, porém, por que razão nem Rui de Pina nem Fernão Lopes não evocaram nas respectivas crónicas este monumento, uma obra que perpetuava a memória do monarca. A cruz de remate suscita dúvida, é certo, pois poderá ser uma cruz da Ordem do Templo, visto que por estes locais permaneceram (fig. 4).

Continuando-se no âmbito das hipóteses, o «memorial» esse guarda a sua história e parece que quanto mais o tempo decorre maior é a tendência em enclausurar o seu mistério.<sup>29</sup>

Actualmente serve de emblema ao próprio município de Odivelas.



Da esquerda para a direita, Cruz da ordem do Templo,  
Cruz Floreada e Cruz Lisada ou da Ordem de Aviz

---

<sup>29</sup> Outras Obras: AZEVEDO, Carlos de; FERRÃO, Julieta; GUSMÃO, Adriano de – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa. Concelho de Mafra e Loures*, Lisboa, 1963, p. 31; LEAL, Pinho, *Op. cit. supra*, n. <sup>4</sup>, vol. VI, p. 207; MADEIRA, Silva – *Op. cit. supra*, n. <sup>1</sup>, p. 103; PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Op. cit. supra*, n. <sup>6</sup>, p. 181; e VAZ, Maria Máxima – *Op. cit. supra*, n. <sup>7</sup>, vol. I, pp. 87-136.

